

Automedicação em acadêmicos de Medicina

Self-medication in medical students

Lucas Grobério Moulim de Moraes¹, Luiza Seidel Dala Bernardina¹, Luciano Castiglioni Andriato¹, Leticia Rego Dalvi¹, Yolanda Christina de Sousa Loyola²

Recebido do Centro Universitário do Espírito Santo, Colatina, ES, Brasil.

RESUMO

OBJETIVO: Determinar a incidência da automedicação em estudantes do curso de Medicina, evidenciando suas principais causas, os principais grupos de medicamentos utilizados nesta conduta e as consequências de seu uso irracional. **MÉTODOS:** Estudo transversal, de análise quantitativa e não probabilística. Foi realizado por pesquisa de campo, por meio de questionário sistemático, em uma universidade, com o propósito de envolver todos os períodos correspondentes ao curso de Medicina. As análises dos resultados foram realizadas por meio do teste qui-quadrado e executadas no software Minitab®, versão 18, e Microsoft Excel 2010. **RESULTADOS:** As frequências de automedicação entre alunos do primeiro e segundo anos e do terceiro e quarto anos foram, respectivamente, 44,57% e 71,42% ($p=0,001$). Dentre eles, 43,15% eram do sexo feminino e se automedicavam ($p=0,014$). Dos alunos que se automedicavam, 36,3% indicariam o medicamento em uso para outrem ($p=0,012$), sendo que a classe de fármaco mais citada foi a dos analgésicos (52,05%) seguida pelos anti-inflamatórios (17,81%) e antiácidos (6,85%). O uso de psicotrópicos somou 6,85% das recomendações. Dentre as pessoas que diziam realizar a automedicação, 51% continuariam a prática. Tinham consciência dos riscos à saúde em relação à prática da ação em estudo 96,58% da amostra. **CONCLUSÃO:** A prevalência da automedicação em acadêmicos de medicina é equiparada a índices nacionais, ou seja, altas taxas regionais da prática de consumo desregulado de fármacos, com predominância entre os acadêmicos do sexo feminino, principalmente do terceiro e quarto anos do curso.

Descritores: Automedicação; Estudantes de Medicina; Universidades

ABSTRACT

OBJECTIVE: To determine the incidence of self-medication in medical students, evidencing the main causes, main drug-classes used in this behavior, and the consequences of its irrational use. **Methods:** This is a cross-sectional study of quantitative and non-probabilistic study analyses. It was carried out through field research, with the use of a systematic questionnaire, at a university, with the purpose of involving all periods of the medical course. The results analysis was done with chi-square test and run on Minitab® software version 18 and Microsoft Excel 2010. **RESULTS:** The frequency of self-medication among students in the 1st-2nd and 3rd-4th grades was respectively, 44,57% and 71,42% ($p=0,001$). Of them, 43.15% of the research population were female and self-medicated ($p=0.014$). Out of students who self-medicate, 36.3% would indicate the drug in use for others ($p=0.012$), and the most cited drug-class was of analgesics (52.05%), followed by anti-inflammatories (17.81%), and antacids (6.85%). The use of psychotropic drugs accounted for 6.85% of the recommendations. Of people who say they self-medicate, 51% would continue doing it. Of the sample, 96.58% were aware of the health risks of self-medication. **CONCLUSION:** The prevalence of self-medication among medical students is similar to national indices, that is, high regional rates of unregulated drug use, with a predominance among female students, especially in students in the 3rd and 4th years of course.

Keywords: Self-medication; Students, medical; Universities

1. Centro Universitário do Espírito Santo, Colatina, ES, Brasil.

2. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Data de submissão: 27/10/2017 – Data de aceite: 30/10/2017

Conflito de interesses: não há.

Fontes de fomento: não há.

Endereço para correspondência:

Lucas Grobério Moulim de Moraes
Centro Universitário do Espírito Santo
Avenida Treze de Maio, 662 – Centro
CEP: 29750-000 – Pancas, ES, Brasil
Tel.: (27) 99827-6404 – E-mail: lucasgromoulimdm@hotmail.com

Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário do Espírito Santo, sob número de protocolo CAAE: 57003416.6.0000.5062.

© Sociedade Brasileira de Clínica Médica

INTRODUÇÃO

Fármaco é toda substância química capaz de alterar funções biológicas do organismo, por meio de interação entre complexos formados por receptores e moléculas. A recomendação para os médicos da antiguidade, que se estende até a contemporaneidade, era a extrema prudência em seu uso.^(1,2)

Historicamente, a automedicação é definida como o ato de utilizar medicamentos sem prescrição médica, sendo a escolha e o uso realizados por indivíduos inaptos para tal, com o objetivo de curar patologias ou diminuir sintomas.⁽³⁾

O comportamento esperado por estudantes da área de Medicina é embasado em uma consciência terapêutica, a qual automedicação seria uma característica pouco frequente. Entretanto,

vê-se uma autoconfiança por parte destes acadêmicos, fortalecida pelos conhecimentos adquiridos durante o curso.

Entre os problemas observados com a automedicação, destaca-se o mascaramento ou o impedimento do diagnóstico correto de uma grave doença, podendo ainda afetar negativamente qualquer processo patológico no paciente, causar iatrogenias, dependência, hipersensibilidade, além de provocar interações medicamentosas de grande importância, resultando em efeitos secundários e riscos inaceitáveis do ponto de vista terapêutico. Desta forma, torna-se fundamental seu uso prescrito por profissionais capacitados.⁽⁴⁾

Quanto maior a quantidade de fármacos administrados, maiores são as chances de efeitos farmacológicos adversos e reações alérgicas, além do aumento potencial de mortalidade. Somadas a isto existem características singulares de cada indivíduo (hábitos de vida e fatores genéticos) que influenciam direta ou indiretamente na resposta metabólica dos medicamentos (Figura 1).⁽⁵⁾

O objetivo desta pesquisa foi determinar a incidência da automedicação em estudantes do curso de Medicina, evidenciando suas principais causas, os principais grupos de medicamentos utilizados nesta conduta e as consequências de seu uso irracional.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, abordando métodos de estudo de caráter quantitativo e não probabilístico, por meio de pesquisa de campo, por meio de um questionário sistemático,

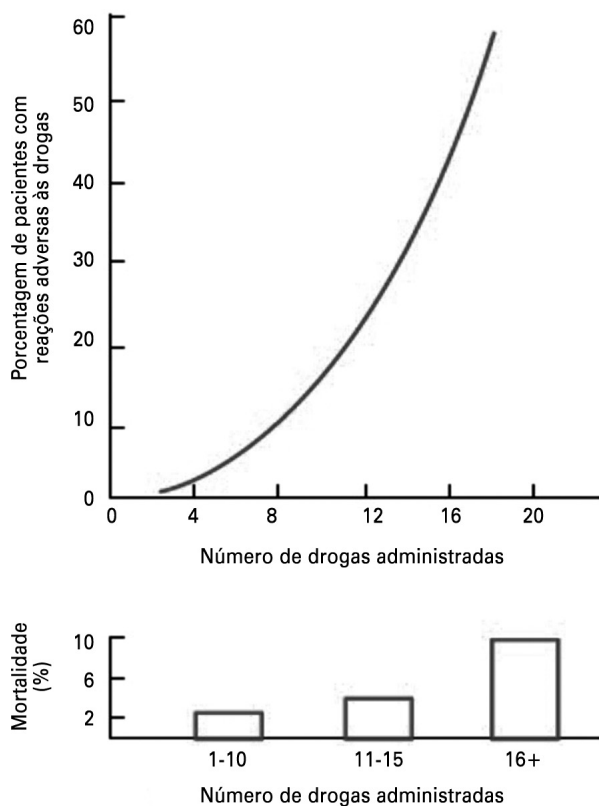


Figura 1. Relação entre o número de drogas administradas, reação adversa e taxa de mortalidade. Fonte: adaptado de Smith et al.⁽⁵⁾

adaptado de pesquisa preexistente,⁽⁶⁾ em uma faculdade de Medicina do noroeste do Estado do Espírito Santo, com o propósito de envolver todos os anos correspondentes ao curso. Todas as faculdades de Medicina do Estado foram convidadas a participar da pesquisa, porém, não houve aceite.

Para a conciliação de resultados, foi utilizado o teste qui-quadrado.

A hipótese nula foi determinada pela ausência de associação entre o período da graduação do discente com a prática de automedicação. A hipótese alternativa – problema de pesquisa – propôs a existência: quanto mais avançado o período, maior a frequência da automedicação.

A análise dos dados envolveu uma dinâmica de associação entre dados, utilizando Minitab® versão 18 e Microsoft Excel 2010, ilustrando, assim, em gráficos e tabelas sistematizadas (com caracteres numéricos e nomeáveis) para sustentação dos objetivos propostos e da conclusão do estudo.

Salientamos a concordância deste trabalho com a Declaração de Helsink, que dispõe das normas para pesquisa com seres humanos, sua aprovação pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino Superior a qual os pesquisadores estão vinculados e a ausência de conflitos de interesses. Ratificamos que todos os entrevistados assinaram o Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido, no qual lhes fora assegurado o completo sigilo das informações cedidas.

RESULTADOS

Partiu-se de uma amostragem inicial de 148 entrevistados. A visão geral desta população pode ser analisada na tabela 1.

Verificou-se aumento na frequência de automedicação entre alunos do primeiro e segundo anos em relação aos alunos do terceiro e quarto anos, sendo 44,57% e 71,42%, respectivamente (p=0,001).Dentre a população 43,15% eram do sexo feminino e se automedicavam (p=0,014).

Os fármacos mais citados como utilizados para sanar os problemas de saúde de maior ocorrência estão dispostos na tabela 2.

Dos alunos que se automedicavam, 36,3% indicariam o medicamento em uso para outrem (p=0,012), e a classe de fármacos mais citada foi a dos analgésicos (52,05%), seguida pelos anti-inflamatórios (17,81%) e antiácidos (6,85%). Psicotrópicos, incluídos nesta categoria antipsicóticos, psicoestimulantes e ansiolíticos, somaram 6,85% das recomendações (Figura 2).

Tabela 1. Perfil da população de acadêmicos de medicina, n=148

Característica	n (%)	Automedicação (%)
Sexo		
Masculino	46 (31,08)	41,30
Feminino	102 (68,92)	43,15
Faixa etária, anos		
17-21	63 (42,57)	
22-26	62 (41,89)	
27-32	20 (13,51)	
>32	3 (2,03)	
Ano do curso		
1º e 2º	83 (56,08)	44,57
3º e 4º	65 (43,92)	71,42

Embora o perfil populacional do estudo tenha demonstrado altas taxas de automedicação, referente à população global, 96,58% tinham consciência dos riscos à saúde pela prática da ação em estudo. Das pessoas que diziam realizar a automedicação, 51% continuariam a prática.

O uso irregular de fármacos com álcool e/ou tabaco e/ou outras drogas ilícitas foi de 28,32%.

Muitos fatores causais foram elucidados e determinados na justificativa da automedicação, sendo dor o motivo mais encontrado nos acadêmicos (34,05%), seguido de febre/inflamação (24,4%), azia/indigestão (17,96%), insônia (11,53%), falta de concentração para os estudos (10,19%) e sobrepeso (1,88%) (Figura 3).

Tabela 2. Classes de fármacos citadas pelos sujeitos da pesquisa que se automedicavam

Classe medicamentosa	n (%)
Antibióticos	24 (5,91)
Antiácidos	51 (12,56)
Anti-inflamatórios	82 (20,2)
Analgésicos	118 (29,06)
Antitérmicos	53 (13,05)
Medicamentos para emagrecer	5 (1,23)
Ansiolíticos	20 (4,93)
Antidepressivos/estabilizadores do humor	13 (3,2)
Psicoestimulantes	15 (3,69)
Suplementação alimentar	25 (6,16)

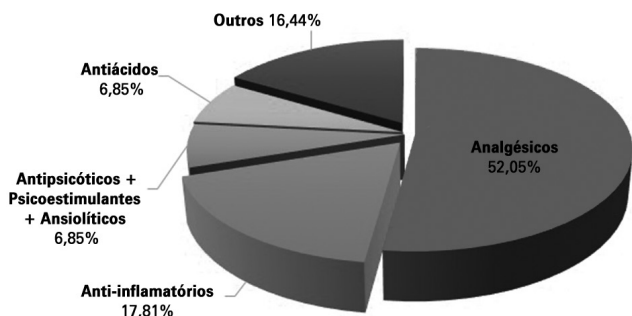


Figura 2. Classes de fármacos conforme recomendação a terceiros dos que se automedicavam.

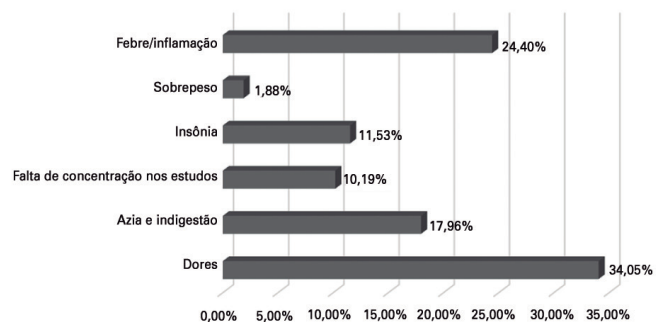


Figura 3. Prevalências das causas citadas como predisposto a se automedicar.

Quanto ao hábito de ler a bula, 65,54% dos estudantes afirmaram ler a bula dos medicamentos e, neste grupo, 90,1% liam antes do uso do fármaco.

Quando questionados se apresentaram algum efeito colateral devido ao uso de fármacos sem prescrição médica, a maioria dos acadêmicos responderam que não (73,47%). Dentre aqueles que passaram por esta situação, o efeito mais observado foi náusea/vômito/tontura (34,78%), seguido de sintomas cardiorrespiratórios (31,43%), aumento dos sintomas e/ou sinais já existentes (19,57%) e manifestações cutâneas (15,22%).

O consumo de medicamentos, sem prescrição, em situações de estresse foi realidade para 59 dos entrevistados, o que representou 40,41% da amostra.

DISCUSSÃO

Os achados do presente estudo corroboram a hipótese estabelecida no problema de pesquisa e indicam correlação entre o uso de medicamentos sem orientação médica e o nível de conhecimento adquirido pelos estudantes de Medicina, representado na pesquisa pelos anos cursados na graduação. A prática foi estatisticamente maior entre os alunos do terceiro e quarto anos da faculdade e nos discentes do sexo feminino.

A sintomatologia que mais se relacionou ao uso de fármacos sem orientação médica foi dor, incluindo cefaleia, dor osteomuscular, otalgia, odinofagia, cólicas, dentre outras; seguida pela febre/inflamação, azia/indigestão, insônia, falta de concentração nos estudos, e por último, sobrepeso.

Nas situações de estresse, como períodos de avaliações acadêmicas e acúmulo de atividades, a maioria dos entrevistados negou o uso de medicações para controle das sintomatologias consequentes.

Quanto ao abuso de certas classes medicamentosas, o uso inconsciente de antibióticos, ou seja, por tempo ou indicação fora das recomendações, pode induzir o surgimento de bactérias multirresistentes. Isto eleva os custos do tratamento, aumenta as taxas de hospitalização e os níveis de mortalidade. Além disso, determinadas classes de antibióticos podem provocar comorbidades e outros efeitos colaterais, como colite pseudomembranosa, ressecamento de boca e olhos, alterações do sistema nervoso e reações alérgicas graves.

A depender da quantidade e da frequência, as consequências do uso a médio/longo prazo de analgésicos e anti-inflamatórios incluem hepatites medicamentosas, perpetuação de dores, nefropatias, úlceras e gastrites.

Outro dado levantado pelo estudo foi o uso de substâncias como álcool, tabaco e drogas ilícitas, confirmado por 52% dos estudantes; dentre estes, 28,32% relataram consumir tais químicos concomitante a ingestão dos fármacos. Deve-se ressaltar o risco de tal prática, visto que estas substâncias podem alterar as propriedades farmacocinéticas e farmacodinâmicas dos medicamentos e, como consequências, suas propriedades terapêuticas, aumentando o risco da toxicidade deles.

Um aspecto preocupante demonstrado no estudo é o hábito de aconselhar o uso de medicamentos a outras pessoas praticado pelos alunos, o que pode ser fator para perpetuação da prática.

É importante discutir ainda que o estudo não é isento de influências externas: por exemplo, o simples fato do instrumento de pesquisa ser um questionário a expõe ao risco de vieses relacionados ao preenchimento do mesmo.

CONCLUSÃO

A incidência da automedicação em estudantes de Medicina do noroeste do Espírito Santo se assemelhou aos índices encontrados no restante do país.

Apesar de os acadêmicos relatarem conhecer os riscos envolvidos com o uso desenfreado e desorientado dos medicamentos, uma minoria relatou o desejo de descontinuar a prática. São necessários mais estudos para o melhor delineamento do perfil dos estudantes que realizam esta prática e as principais motivações, a fim de criar estratégias de intervenção e conscientização desta população.

REFERÊNCIAS

1. Katzung BG. Farmacologia básica e clínica. 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010.
2. Jonsen AR. A short history of medical ethics. London: Oxford University Press; 2008.
3. Silva RC, Oliveira TM, Casimiro TS, Vieira KA, Tardivo MT, Faria Junior M, et al. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. Medicina (Ribeirão Preto) [Internet]. 2012[citado 2016 jun 21];45(1): 5-11. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/47477/51205>
4. Aquino DS, Barros JÁ, Silva MD. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. Ciênc Saúde Coletiva. 2010;15(5):2533-8.
5. Smith JW, Seidl LG, Cluff LE. Studies on the epidemiology of adverse drug reactions. V. Clinical factors influencing susceptibility. Ann Intern Med. 1966;65(4):629-40.
6. Naime AC. O Uso indevido de medicamentos pela automedicação e seus consequentes riscos nos universitários da área da saúde. In: 18º SIICUSP. Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP, 2009. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoObter?numeroInscricaoTrabalho=5325&numeroEdicao=18>